UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA CAROL DE LIMA

O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO CHEERLEADING: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL DA MODALIDADE NO BRASIL

PONTA GROSSA
2026

ANA CAROL DE LIMA

O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO CHEERLEADING: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL DA MODALIDADE NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção de título de Licenciado em Educação Física, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa

Orientador: Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior

Ponta Grossa
2026

O PROCESSO DE ESPORTIVIZAÇÃO DO CHEERLEADING: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL DA MODALIDADE NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério de aprovação final na Universidade Estadual de Ponta Grossa, na área de Licenciatura em Educação Física.

Ponta Grossa, 09 de novembro de 2026

_____

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior - Orientador

_____

Prof. Dr. Alfredo Cesar Antunes – Banca

_____

Prof. Dra. Luiza Herminia Gallo - Banca

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me sustentou nesta caminhada, por intercessão de Nossa Senhora das Graças, Nossa Senhora Aparecida, Santa Rita de Cássia, Santa Teresinha do Menino Jesus, São Roque e São Longuinho. Minha gratidão se estende à minha família, em especial às minhas tias, por cada oração, vela acendida e apoio durante todos esses anos.

Agradeço a minha avó nega, Leonor Camargo de Oliveira (*in memoriam*), minha maior incentivadora. As lembranças das suas bolachas pintadas, do seu sorriso contagiante e das suas histórias de fé, continuam me dando forças para enfrentar qualquer desafio.

Aos meus pais, por acreditarem nos meus sonhos desde os meus 17 anos, quando pisei em Ponta Grossa pela primeira vez no dia da minha mudança. À minha mãe, Izabel, pelo trabalho duro, seja nos bolos, na faxina na casa da vó e a cozinha da escola, e por abdicar tantas vezes de você para cuidar de mim, em especial agradeço por estar comigo nesta reta final. Ao meu pai, Edson, pelo empenho incansável pela minha permanência na faculdade, conciliando o seu trabalho na prefeitura com as confecções de facas, consertos de laços e cuidado com o vô e a vó, mas principalmente pelos abraços e incentivos para seguir meus sonhos. Ao meu irmão, Tcharles, por cada zelo, mensagem de apoio e cada vídeo mandado no Instagram.

Ao meu namorado, Fabio, pelo companheirismo durante toda a graduação, por ouvir minhas angústias e me dar todo o suporte nos dias difíceis. A sua presença foi fundamental durante toda minha trajetória acadêmica.

À *Devilscheer* e aos amigos que fiz no time, por me apresentarem a paixão pelo *cheerleading* e tornarem este esporte o objeto de estudo deste trabalho. Ao meu orientador, Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior, pela condução impecável e inspiração acadêmica. Ao PIBID, pelo incentivo profissional e auxílio na minha permanência na cidade.

Por fim, agradeço a mim mesma, por jamais ter desistido de meus sonhos, por cada brigadeiro vendido para apoio financeiro, por toda a coragem, força e dedicação ao longo desta jornada acadêmica.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o processo de esportivização do *Cheerleading*, por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental de caráter qualitativo, analisando documentos normativos da modalidade no Brasil. O reconhecimento da modalidade pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2021 marcou a transição da origem de animação de torcida para os tatames de competição. O problema de pesquisa ancora-se em fatores internos, ligados à vivência da investigadora, e externos, fundamentados nas pressões da realidade local e na escassez de produções sociológicas sobre o tema, em contraste com a alta concentração de estudos biomédicos focados em lesões. A partir disso, delineiam-se como objetivos específicos a contextualização histórica da modalidade, a fundamentação teórica do conceito de esportivização, o mapeamento dos códigos formais e regulamentos nacionais, e a confrontação dos documentos oficiais com os critérios sociológicos do esporte contemporâneo. Metodologicamente, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases CAPES, SciELO, Repositório Digital da UEPG e Portal Cheer (2016–2026), resultando em 146 trabalhos identificados e 12 artigos científicos selecionados após triagem no *software* Rayyan. A análise documental abrangeu o Estatuto Social (2025) e o Regulamento do Campeonato Brasileiro (2026) da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD), examinados a partir das sete características do esporte moderno de Allen Guttmann. Os resultados indicam que o *cheerleading* brasileiro atende aos critérios do esporte moderno: Secularização, igualdade de chances, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca pelo recorde, apresentando avanço regulatório e consolidação prática, a exemplo da estrutura observada no município de Ponta Grossa. Contudo, a investigação evidencia que a modalidade ainda enfrenta barreiras socioculturais, restrições financeiras e infraestruturais nas equipes e estigmas de gênero veiculados pela mídia. Conclui-se que o *cheerleading* encontra-se em estágio avançado de esportivização institucional e possui expressivo potencial pedagógico na Educação Física escolar para a ampliação da cultura corporal de movimento.

PALAVRAS-CHAVE: *Cheerleading*, Esportivização, Sociologia do Esporte, reconhecimento institucional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 7

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA 7

1.2 JUSTIFICATIVA 9

1.3 OBJETIVO GERAL 10

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 10

2. METODOLOGIA 10

3. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO CHEERLEADING 13

4. APRESENTAÇÃO DA LITERATURA A PARTIR DO ESTADO DO CONHECIMENTO 19

5. ESPORTIVIZAÇÃO 27

6. ANÁLISE DO REGULAMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO CHEERLEADING COMO ESPORTE MODERNO 31

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS 40

REFERÊNCIAS 41

1. INTRODUÇÃO

O *cheerleading* consolidou-se globalmente como uma prática rica em complexidade e técnica, estruturada hoje em categorias bem delimitadas, elas sendo: Universitária, Escolar e *All Star* (vínculo com ginásios privados). Historicamente o esporte é associado ao formato de *sideline chee*r, sendo ela uma das categorias do *cheerleading* que é focada na animação de torcidas e suporte a outras modalidades. Recentemente a prática passou por uma reestruturação; agora as apresentações focadas em gritos de torcida deram lugar a chamadas de rotinas competitivas, que nada mais é do que uma coreografia de alta intensidade com duração de dois minutos e meio (Ferreira, 2025).

O reconhecimento da modalidade pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2021 marcou essa transição do universo da animação para os tatames de competição. No campo teórico da Educação Física e da Sociologia do Esporte, o movimento de transição de uma atividade corporal informal ou recreativa para uma modalidade regida por regras universais e instituições é conceituado como um processo de esportivização. Como sintetiza González (2014, p. 263), trata-se do "ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte", processo que envolve, portanto, a criação de um esporte propriamente dito.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

A construção deste objeto de estudo exige a compreensão clara de onde nascem as inquietações acadêmicas que, para Barros e Lehfeld (1990, p. 47), têm origem "num problema sentido, numa expectativa frustrada, numa dificuldade teórica ou prática". No contexto deste trabalho, o problema que dará sentido pode ser relacionado em dois lados, o que os autores classificam como fatores internos e externos, sendo os fatores internos os que dizem a respeito do próprio investigador e de fatores externos às pressões vindas da realidade local em geral (Barros e Lehfeld, 1990, p.47).

O fator interno parte da experiência prática e da observação da autora no cotidiano da modalidade, ao perceber o impacto positivo do esporte no dia a dia. Já os fatores externos e as pressões da realidade revelam-se em duas vertentes, uma teórica e outra social. No âmbito teórico, uma triagem da literatura no Portal de periódicos da CAPES evidenciou uma grande quantidade de produções focadas repetidamente em estudos médicos e lesões, gerando escassez de dados sobre a história, a sociologia e o amadurecimento institucional do esporte. Ferreira (2025) entende que esta lacuna na produção teórica em uma base de dados, se dá pelo fato do *cheerleading* ter sua expansão

da modalidade de forma aleatória e com pequenos polos espalhados pelo Brasil, além de passar por um apagão de dados estatísticos após a descontinuidade do Portal *Cheer one channel*, um site que acumulava material jornalístico sobre o *cheerleading*, onde havia discussões sobre a história e prática da modalidade que foram perdidos totalmente após desentendimento entre os administradores (Novaes et al., 2024).

Contudo, Booth, Colomb e Williams (2005) esclarecem que a maioria das pesquisas científicas não começa simplesmente pela descoberta de um tópico isolado. Para os autores, a investigação científica acontece em um ciclo dinâmico pelo qual o problema prático do cotidiano motiva uma pergunta que define um problema de pesquisa. No âmbito social e regional, a lacuna teórica acerca da modalidade contrasta diretamente com a realidade observada no município de Ponta Grossa (PR), que se consolidou como um dos principais polos do cheerleading no estado do Paraná (Kunast, 2024; Ferreira, 2025; Novaes et al., 2024). A trajetória local do esporte teve início em 2014 com a fundação da equipe Asas Negras na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) (Kunast, 2024). A partir desse marco, a prática expandiu-se rapidamente pelo meio acadêmico, resultando na criação de diversas equipes universitárias vinculadas às associações atléticas e na sua inclusão oficial no programa dos Jogos Inter Atléticas de Ponta Grossa (JOIA-PG) (Kunast, 2024).

Essa consolidação ultrapassou os muros acadêmicos com a fundação, em 2018, do Rebellion All Star, considerado, segundo os registros históricos da literatura da modalidade, o primeiro ginásio *All Star* da cidade e do estado do Paraná, viabilizando o treinamento especializado por faixas etárias e níveis de dificuldade (Kunast, 2024; Ferreira, 2025). A organização esportiva local passou a contar com a atuação da Liga de Cheerleading de Ponta Grossa (LCPG), entidade criada para articular e promover as equipes do município (Kunast, 2024). Esse avanço institucional estendeu-se também ao reconhecimento do impacto social da prática, exemplificado pela sanção da Lei Municipal nº 15.974/2026, que declarou a equipe *Presas de Marfim* (UTFPR) como entidade de utilidade pública municipal (Câmara Municipal de Ponta Grossa, 2026).

Contudo, surge uma contradição entre essa estruturação prática e a percepção social do fenômeno: no cenário local, a compreensão falha reside na invisibilidade do *cheerleading* enquanto instituição esportiva regulamentada (Kunast, 2024; Ferreira, 2025). Embora Ponta Grossa abrigue uma densa rede de atletas, comissões técnicas e competições alinhadas às diretrizes formais da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD) e da *International Cheer Union* (ICU), boa parte da população e da

comunidade acadêmica ainda desconhece a modalidade enquanto disciplina esportiva de alto rendimento (Santana, 2023; Kunast, 2024; Novaes et al., 2024).

Conforme apontam Silva (2023), Kunast (2024) e Ferreira (2025), essa invisibilidade é alimentada por estigmas socioculturais e pela proliferação de estereótipos de gênero vinculados pela mídia. Tais representações reduzem a prática ao clichê da animação de torcida (*sideline cheer*), camuflando o rigor atlético, a complexidade acrobática e o risco físico real a que os praticantes são submetidos (Moreira, 2025). É neste compasso entre a realidade organizacional do esporte em Ponta Grossa e o seu desconhecimento sociológico que se justifica a presente investigação.

Dessa forma, compreende-se que uma abordagem científica voltada para a área da sociologia esportiva pode analisar o desconhecimento prático da sociedade regional. Diante da invisibilidade do *cheerleading* enquanto instituição esportiva regulamentada na literatura sociológica, formula-se a seguinte pergunta: De que maneira o processo de esportivização do *cheerleading* é retratado na literatura científica e nos documentos normativos da modalidade no Brasil?

1.2 JUSTIFICATIVA

Diante disso**,** a realização desta investigação justifica-se, primeiramente, pela necessidade de compreender o crescimento do *cheerleading* e a alta barreira na sociedade para reconhecer este esporte. No âmbito pessoal e profissional, a motivação para este estudo advém da experiência direta com a modalidade, permitindo observar o potencial da prática no desenvolvimento de habilidades sociais, no aumento da autoestima e no auxílio ao controle da ansiedade. No entanto, o esporte ainda carece de valorização e reconhecimento amplo.

Assim como fundamenta Silva (2023) “o *cheerleading* ainda permanece no imaginário coletivo como um esporte secundário, à sombra de outros como o basquete e o futebol americano, e muito atrelado à imagem hollywoodiana da superficialidade e da popularidade apresentadas nos filmes.” Apesar do marco histórico de seu reconhecimento pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2021, o *cheerleading* carrega uma herança de sua origem atrelada exclusivamente às torcidas, cantos e danças, o que alimenta a resistência popular em aceitá-lo como uma prática esportiva de alto rendimento.

1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar o processo de esportivização do *cheerleading* por meio de pesquisa bibliográfica e da análise de documentos normativos da modalidade no Brasil.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Contextualizar a evolução histórica do *cheerleading* e o processo de transição da animação de torcida (*sideline*) para a modalidade competitiva de alto rendimento.

Fundamentar teoricamente o conceito de esportivização com base na sociologia do esporte e na Educação Física.

Identificar os códigos formais, regulamentos e diretrizes normativas que regem o cheerleading no cenário nacional.

Confrontar os documentos oficiais e a literatura da área com os critérios sociológicos do esporte moderno, verificando os elementos de consolidação da prática no Brasil.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, caracterizando-se como um estudo de natureza bibliográfica e documental. Segundo Gil (2002), a pesquisa bibliográfica utiliza materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, para conferir sustentação teórica e rigor ao problema de investigação, enquanto a pesquisa documental apoia-se em fontes primárias normativas que ainda não receberam tratamento analítico aprofundado.

A fundamentação teórica sobre o processo de esportivização apoia-se nos referenciais da Sociologia do Esporte e da Educação Física, destacando-se as contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), Fernando Jaime González (2014) e Allen Guttmann (1978) refletido por Durães et al (2015) e Pilatti (2002). Essa literatura permitiu delimitar as características centrais do esporte moderno, tais como a codificação de regras, a burocratização e a regulamentação, servindo como matriz conceitual para a análise da modalidade.

Para o levantamento bibliográfico, realizou-se uma busca de artigos em bases de dados sendo elas: Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e o Repositório Digital da

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). O recorte temporal abrange o período entre 2016 e 2026, e nos idiomas português, inglês e espanhol, com acesso aberto. Foram utilizados operadores booleanos e descritores padronizados nas buscas avançadas: (cheerleaders OR cheerleading). Na busca, foram identificados inicialmente 138 registros no Portal de Periódicos da CAPES, três (3) na SciELO e um (1) no Repositório Digital da UEPG. Como forma de ampliar o levantamento bibliográfico, também foi realizado uma busca no Portal *Cheer*, especificamente na seção de contribuições cientificas. Foi identificado quatro (4) trabalhos publicados nesta seção, totalizando 146 trabalhos encontrados.

A busca no encontro de artigos nas bases de dados, ocasionou nos resultados demonstrados na Quadro 1:

2.1 QUADRO DE QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS:

PORTAL	**INGLÊS**	**PORTUGUÊS**	**ESPANHOL**	**DESCRITORES UTILIZADOS**	**TOTAL**
Portal de periódico da capes	126	7	5	(cheerleaders OR cheerleading)	138
SciELO	3	0	0	(cheerleaders OR cheerleading)	3
Portal Cheer	0	4	0	Cheerleading	4
Repositório Digital da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	-	1	-	(cheerleaders OR cheerleading)	1
Total	129	12	5		146

Fonte: Elaborado pelo autor (2026)

Para garantir o rigor na seleção dos estudos, foram estabelecidos critérios claros de inclusão e exclusão aplicados aos registros encontrados nas bases de dados: Os critérios de inclusão sendo trabalhos entre 2016 e 2026, nos idiomas português, inglês ou espanhol, que abordassem diretamente o *cheerleading* sob a ótica da sociologia, da história, da educação física, de propostas pedagógicas ou do processo de esportivização e consolidação institucional da modalidade.

Os critérios de exclusão partiram da exclusão de trabalhos duplicados, assim como estudos com foco restrito em aspectos médicos, farmacológicos ou fisiológicos como análises ortopédicas de lesões e traumas, pesquisas em que o termo *"cheerleader"* foi empregado de forma metafórica em contextos de finanças, política ou psicologia populacional alheios à prática esportiva, investigações sobre denúncias de conduta sem relação com a estrutura do esporte, e publicações de temática divergente que não dialogassem com o escopo sociológico e cultural da modalidade.

Após a triagem nas bases acadêmicas, foram selecionados 12 estudos considerados relevantes aos objetivos da pesquisa. Os quatro trabalhos encontrados no Portal Cheer foram considerados materiais complementares, por apresentarem contribuições relacionadas à modalidade. A análise desses materiais buscou identificar aproximações entre as informações apresentadas nas publicações e os referenciais teóricos utilizados na investigação.

Para o processo de triagem, os registros foram classificados manualmente no software Rayyan, por meio de etiquetas que identificavam os principais motivos de não inclusão na pesquisa. As classificações abrangeram estudos fora do contexto investigado, pesquisas relacionadas a lesões, aspectos físicos e médicos, questões políticas, efeito líder de torcida e outras temáticas específicas.

Paralelamente ao levantamento bibliográfico, obteve-se também uma análise documental, que se concentrou nos regulamentos e códigos normativos oficiais que governam o *cheerleading* no Brasil, tais como os estatutos e regulamentos da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD), documentos este onde as regras são traduzidas dos regulamentos da ICU. Os documentos foram obtidos por meio de acesso público aos portais oficiais das entidades, abrangendo as normativas vigentes.

A análise dos dados foi realizada a partir da relação entre o conteúdo dos documentos normativos oficiais e as sete características do esporte moderno propostas por Guttmann (1978), conforme apresentadas e discutidas por Pilatti (2002) e Durães et al. (2015): secularização, igualdade de oportunidades, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca por recordes. Essas características foram utilizadas como categorias de análise para investigar como o *cheerleading* brasileiro

vem se estruturando institucionalmente e em que aspectos sua organização se aproxima dos elementos que caracterizam o esporte moderno.

3. TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO CHEERLEADING

O *cheerleading* surgiu originalmente como uma prática de apoio a outras modalidades esportivas. Como o próprio nome sugere, seus praticantes atuavam como líderes de torcida, auxiliando na organização e na animação das torcidas durante eventos esportivos. Segundo Borges (2019), com base em dados da ICU (*International Cheer Union*, 27 abr. 2018), estudantes e professores já lideravam e animavam torcidas em eventos esportivos universitários desde 1860, sendo essa uma prática comum no Reino Unido.

Nos Estados Unidos, o *cheerleading* surgiu no final do século XIX, na Universidade de Princeton. Nascimento e Ataliba (2019), a partir de uma análise do *Cheer Blog* (2011), relatam que, em 1884, um estudante chamado Johnny Campbell teria liderado uma multidão durante uma torcida, tornando-se o primeiro líder de torcida da história. Posteriormente, em 1898, teria ocorrido a primeira formação de *cheerleaders* (Nascimento; Ataliba, 2019).

Inicialmente, a prática era predominantemente masculina. Entretanto, esse cenário começou a se modificar durante a primeira metade do século XX. Com a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, em 1941, e o consequente envio de homens para o combate. Assim como ocorreu em outras modalidades esportivas, as mulheres conquistaram maior espaço na prática do *cheerleading* (USA Cheer, 2026).

Paralelamente à evolução histórica do *cheerleading*, a prática passou a adquirir estruturas organizacionais e regulatórias mais consolidadas a partir do surgimento de entidades como a *National Cheerleaders Association* (NCA) e a *Universal Cheerleaders Association* (UCA) (SANTANA, 2023). A fundação da NCA por Lawrence Herkimer foi determinante para a organização técnica e a padronização estética da modalidade, introduzindo a sistematização de saltos como o salto *Herkie* e a popularização de adereços e materiais de incentivo, como os pompons e o *spirit stick* (Moreira, 2025).

Com o crescimento contínuo do esporte, emergiu a necessidade de aperfeiçoar a execução dos movimentos acrobáticos e estabelecer normas formais para o controle de riscos e a prevenção de lesões (Santana, 2023). Nesse processo de consolidação, a criação da UCA por Jeff Webb na década de 1970 impulsionou a dimensão atlética do *cheer sport* ao instituir um sistema de aprendizagem progressiva, com pré-requisitos técnicos e

convenções rígidas de segurança (Moreira, 2025).

A partir dessa codificação, estabeleceram-se os elementos motores fundamentais do *cheerleading*, englobando a execução técnica de elevações (*stunts* em posições como *Liberty* e *Elevator*), pirâmides humanas, lançamentos aéreos (*basket tosses*), passagens acrobáticas de solo (*tumbling*) e saltos (*jumps*) (Wright, 2011). Além disso, a UCA padronizou a integração dessas habilidades a rotinas coreografadas perfeitamente sincronizadas com trilhas musicais específicas (*cheermix*), mapeadas sobre blocos rítmicos universais de oito tempos (Santana, 2023). No âmbito da competição, Nascimento e Ataliba (2019) relatam que as primeiras disputas organizadas começaram por volta de 1967, contudo, nesse período inicial, a modalidade ainda carecia de um sistema normativo totalmente consolidado e regulamentado.

Outro fator importante para essa transformação foi a ampliação da participação feminina nos esportes educacionais. No final da década de 1970, foi promulgado o Título IX, que proibia instituições de ensino financiadas pelo governo federal de discriminar estudantes com base no sexo (USA Cheer, 2026). Dessa forma, universidades e escolas passaram a ampliar a oferta de esportes para o público feminino. Conforme a USA Cheer (2026), esse processo contribuiu para o fortalecimento das atletas de *cheerleading*, que passaram a praticar outras modalidades esportivas e, consequentemente, desenvolver força, agilidade e resistência, habilidades estas que também eram necessárias para à prática do *cheerleading*.

A expansão do *cheerleading* para além do ambiente universitário e escolar foi acompanhada por sua crescente exposição na mídia. Em 1982, Jeff Webb, por meio da UCA, conseguiu que uma competição de *cheerleading* fosse transmitida pela ESPN (*Entertainment and Sports Programming Network*) (USA Cheer, 2026). A emissora transmitiu, pela primeira vez em nível nacional, o Campeonato Nacional de *Cheerleading* de Ensino Médio (*National High School Cheerleading Competition*). Essa exposição televisiva, mantida nas décadas seguintes, contribuiu para a expansão da modalidade e para o fortalecimento de seu caráter competitivo e internacional.

Na sequência desse processo, consolidou-se a modalidade *All Star*. Essa vertente possibilitou que o *cheerleading*, para além dos ambientes universitários e escolares, também fosse praticado por equipes independentes, sem vínculo direto com instituições de ensino. Inicialmente, de acordo com a USA Cheer (2026), as equipes *All Star* competiam juntamente com as categorias escolares. Entretanto, com o aumento da popularidade da modalidade, foi fundada, em 2003, a *U.S. All Star Federation* (USASF). Essa organização contribuiu para a estruturação específica da modalidade *All Star* e para sua expansão para além dos Estados Unidos (Borges, 2019).

Com a crescente internacionalização do esporte, foi criada, em 2004, a *International Cheer Union* (ICU), com o objetivo de estabelecer um órgão regulador global para o *cheerleading*. Posteriormente, a modalidade alcançou novos marcos institucionais. Em 2016, o *cheerleading* foi reconhecido pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), enquanto, em 2021, passou a ter reconhecido seu potencial olímpico (USA Cheer, 2026).

No Brasil, a chegada do *cheerleading* ocorreu no final dos anos 2000 (Santana, 2023). Entretanto, a reconstrução histórica desse processo é dificultada pela escassez de registros formais. De acordo com Ferreira (2025), o principal veículo jornalístico dedicado à cobertura da modalidade, o *Cheer One Channel* (C1C), foi desativado após atrito entre os atuais administradores, resultando na perda de parte significativa do material histórico disponível.

Apesar dessa lacuna documental, Borges (2019) apresenta relatos publicados no *Cheer One Channel*, considerado um dos maiores canais eletrônicos de *cheerleading* do país, indicando que a prática do esporte teve início no segundo semestre de 2007, em Volta Redonda, com o retorno de Cauê Souza ao Brasil. Cauê é considerado um dos pioneiros do *cheerleading* no país. Após residir nos Estados Unidos entre 2001 e 2007, período em que praticou a modalidade e competiu no campeonato mundial pela equipe *Cheer Eclipse Comets*, retornou ao Brasil e encontrou um cenário caracterizado pela ausência de equipes e treinadores especializados (Santana, 2023).

Ainda em 2007, teve início um processo mais estruturado de expansão da modalidade no país. Cauê ministrou um workshop no UniFOA e passou a treinar estudantes que tinham o objetivo de criar uma equipe universitária. Posteriormente, em 2008, uniu-se a Márcio Tavares. A partir da utilização do espaço de um ginásio em Niterói, a parceria atraiu novos interessados e resultou na fundação do Rio Twisters Allstar, considerada a primeira equipe All Star brasileira (Santana, 2023; Novaes et al., 2024). Também em 2008, ocorreu um importante avanço na estruturação institucional da modalidade no país com a fundação da União Brasileira de *Cheerleaders* (UBC). A entidade pioneira foi responsável por estabelecer diretrizes para a prática no Brasil, organizar o primeiro Campeonato Nacional, em 2009, e estruturar as regras das categorias, contribuindo para o crescimento das equipes universitárias e *All Star*.

Em 2011, a UBC organizou o 1º Campeonato Nacional de *Cheer & Dance*, no país, realizado na cidade de São Paulo. Este evento inaugural contou com a participação de apenas três equipes: as universitárias UFSCar e UFABC, representando o estado de São Paulo e a extinta equipe All Star “Rio All Stars”, representando o estado do Rio de Janeiro. Apesar de sua escala modesta, o 1º Campeonato Nacional estabeleceu o ponto de partida para o calendário competitivo formal e concentrou inicialmente o desenvolvimento da modalidade no Rio de Janeiro e São Paulo (Santana, 2023).

Apesar dos avanços, o desenvolvimento inicial do *cheerleading* brasileiro ocorreu em um cenário marcado pela informalidade técnica e regulatória. Estudos sobre o histórico da modalidade no país indicam que, em meados de 2013, o cenário competitivo nacional ainda era marcado por significativa assimetria na execução das rotinas e pela ausência de uma padronização técnica unificada, as equipes combinavam elementos acrobáticos de diferentes níveis de complexidade, incluindo descidas de elevada dificuldade, sem que houvesse, naquele momento, uma padronização técnica plenamente consolidada (Santana, 2023).

Segundo Novaes *et al.* (2024) a partir de 2015, o surgimento do Torneio *Cheerfest*, idealizado de forma independente no Rio de Janeiro, promoveu uma expansão geográfica do esporte. Para centralizar a gestão e alinhar a prática a legislação desportiva nacional (Lei Pelé), foi fundada em 2019 a Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD), instituição máxima reconhecida e filiada à ICU no país, responsável por incentivar a formalização jurídica das equipes via CNPJ, promovendo cursos de capacitação técnica e padronizando os regulamentos nacionais.

No Paraná, a prática começou entre 2012 e 2014, primeiramente na categoria universitária, com a primeira competição registrada no estado sendo o Campeonato de *Cheerleading* do Engenharíadas Paranaense em 2012 (Ferreira, 2025). No município de Ponta Grossa, o pioneirismo deu-se em 2014 com a fundação da equipe *Asas Negras* (UTFPR). Nos anos subsequentes, o interesse expandiu-se rapidamente pelas atléticas da cidade, resultando na criação de diversas equipes universitárias, tais como: *Presas de Marfim*; *Devilscheer*; *Bulleaders*; *Arlequinas*; *Pirateleaders*; *Skulleaders*; *The Flames*; *The Panthers* (Kunast 2024).

O rápido crescimento entre as associações atléticas acadêmicas levou a inclusão do esporte nos Jogos Inter Atléticas (JOIA-PG). Posteriormente, a consolidação da modalidade expandiu-se para além do meio universitário com a fundação do primeiro ginásio *All Star* da cidade e do Paraná em 2018, por João Felipe Marino, permitindo a estruturação de equipes por faixas etárias e níveis de dificuldade para além da vinculação com instituições de ensino, como *Sparks*, *Roses*, *Knives*, *Guns* e *Bullets*. De acordo com Kunast (2024) hoje Ponta Grossa se consolida como um polo forte do *cheerleading* brasileiro contando com onze (11) equipes universitárias e cinco (5) equipes *All Stars*. As equipes recebem o auxílio da Liga de *Cheerleading* de Ponta Grossa (LCPG), criada em 2024 para definir e reger as competições e times do esporte na cidade.

Entretanto, como bem relata Silva (2023), apesar da evolução técnica do *cheerleading*, a modalidade ainda enfrenta barreiras socioculturais relacionadas à estigmatização e aos estereótipos de gênero difundidos pela mídia de massa. Produções cinematográficas e televisivas de ficção infundiram no imaginário coletivo a figura caricata da *cheerleader* reduzida ao entretenimento superficial, rotulada por clichês sexistas e pela objetificação do corpo feminino, invisibilizando o rigor atlético e o risco físico que a prática expõe o atleta.

> *A prática do cheerleading como esporte é vista com preconceito, pois tem-se* um estereotipo que tal atividade seja apenas para meninas, que balançam pompons ao lado do campo, não se imaginando os movimentos que requerem, o que dificulta a expansão da prática, principalmente, entre os homens (Nascimento e Ataliba, 2019).

A cobertura rala da imprensa tradicional, a disseminação de informações e a transmissão de campeonatos foram assumidas por veículos independentes e mídias especializadas, como o extinto *Cheer One Channel* e o Portal Cheer. Além da desconstrução de estigmas, o esporte padece de uma lacuna histórica, caracterizada por Ferreira (2025) como um "apagão de dados", resultante da falta de arquivamento sistemático por antigas entidades gestoras e da descontinuação de acervos digitais históricos, resultando na falta de reconhecimento sobre o esporte como uma prática regulamentada (Ferreira, 2025).

No cenário regional e local permanece condicionada à superação de severas limitações financeiras, estruturais e de gestão. Em razão da ausência de financiamento estatal ou institucional contínuo, a permanência das equipes depende do autofinanciamento e de estratégias de arrecadação informal organizadas pelos próprios atletas, como pedir dinheiro em semáforos chamado pelos atletas de "fazer sinaleiro", realização de rifas, vendas de doces e vaquinhas virtuais (Nascimento e Ataliba 2019).

A carência de infraestrutura adequada obriga diversos times a treinarem em quadras abertas de concreto, salas inadequadas ou gramados, sem a presença de *cheerfloors* (tablados com mola) ou colchonetes de absorção de impacto, o que aumenta expressivamente a incidência de lesões (Santana, 2023).

Neste cenário, em 2026 um time de *cheerleading* Universitário, o Presas de Marfim, com apoio de políticos locais se tornou utilidade pública de Ponta Grossa, assim conseguindo o apoio para custear uniformes e competições. A medida foi oficializada pela Prefeitura de Ponta Grossa por meio da Lei nº 15.974, sancionada em julho de 2026, após projeto apresentado na Câmara Municipal. Foi declarado que a organização sem fins lucrativos, promove a prática e a cultura do esporte *cheerleading* na universidade e na região (CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2026).

Em síntese, a trajetória histórica do cheerleading revela uma transformação estrutural, a prática que nasceu no final do século XIX como uma maneira de se expressar na animação de torcidas (*sideline cheer*) converteu-se gradualmente em um fenômeno esportivo global normatizado. Da fundação de associações pioneiras e da regulamentação de itens de segurança e pontuação, até o reconhecimento do Comitê Olímpico Internacional

(COI) e a formalização jurídica de equipes no cenário brasileiro e regional, a modalidade agora é considerada um esporte bem definido e regulamentado.

4. APRESENTAÇÃO DA LITERATURA A PARTIR DO ESTADO DO CONHECIMENTO

Para integrar o estado de conhecimento foi elaborado um quadro de fichamento para os artigos utilizados, conforme apresentado a baixo:

AUTORES E ANO	TÍTULO	OBJETO DE ESTUDO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
Nascimento e Ataliba (2019)	O aprendizado do cheerleading por meio da prática	O processo de aprendizado da modalidade esportiva *cheerleading*, suas rotinas e estilo de vida em um grupo de estudantes da Universidade de Brasília (UnB).	Abordagem qualitativa exploratória. Coleta de dados via entrevistas em profundidade (com 2 praticantes experientes/coaches precursores) e grupo focal (com 11 estudantes universitários). Análise de conteúdo orientada pela Teoria da Prática em 6 dimensões.	O aprendizado ocorre de forma empírica (*know-how*) e colaborativa entre os estudantes. Os atletas iniciam a prática por lazer/curiosidade e progridem até almejarem alto rendimento. Enfrentam barreiras severas de autofinanciamento (rifas e sinaleiros), escassez de infraestrutura e invisibilidade/desconhecimento social.
Borges (2019)	Cheerleading na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas	Mapeamento histórico do surgimento das equipes de cheerleading na UFU, identificação dos fatores motivacionais de adesão/permanência dos estudantes-atletas e análise das principais dificuldades da prática.	Pesquisa bibliográfica, documental e de campo quali-quantitativa no 2º semestre de 2018 com 159 atletas da UFU. Aplicação do questionário quantitativo PMQ (*Participation Motivation Questionnaire*) e questões abertas direcionadas a atletas e fundadores.	A competência técnica, aptidão física e superação/competição são os principais motivos de ingresso na modalidade, enquanto a união e a amizade sustentam a permanência. As maiores dificuldades residem na falta de estrutura física adequada, custos financeiros e na conciliação dos treinos com a rotina acadêmica.
Costa et al. (2022)	Estudo sobre a dupla carreira e os desafios de conciliar a rotina acadêmica e esportiva de estudantes-atletas da Universidade de Brasília	A conciliação da rotina de estudos acadêmicos com o treinamento esportivo competitivo (dupla carreira) entre estudantes-atletas universitários.	Pesquisa de abordagem qualitativa com aplicação de questionários/entrevistas focados nas dimensões de sobrecarga acadêmica e esportiva.	A dupla carreira impõe elevados níveis de estresse e sobrecarga aos estudantes, exigindo alta capacidade de gestão do tempo e priorização de rotinas, diante da escassez de flexibilidade curricular e de suporte institucional na universidade.
Souza, Contreira e	Análise dos aspectos psicológicos de atletas	Aspectos psicológicos de praticantes brasileiros de cheerleading,	Pesquisa de abordagem quantitativa/qualitativa no campo da Psicologia do Esporte por meio de	A paixão harmoniosa e a busca pela excelência associam-se ao engajamento positivo e à coesão do grupo

Fiorese (2022)	brasileiros de cheerleading, com foco na paixão e no perfeccionismo	investigando as relações entre paixão (harmoniosa e obsessiva) e traços de perfeccionismo no rendimento e bem-estar.	escalas psicológicas autoaplicáveis em atletas da modalidade.	no cheerleading, enquanto traços perfeccionistas obsessivos e cobranças extremas podem aumentar a vulnerabilidade ao estresse e à ansiedade competitiva.
Oliveira (2018)	Proposta da utilização do cheerleading como conteúdo nas aulas de Educação Física escolar, articulando ginástica, dança e esportes	A viabilidade e as contribuições pedagógicas da inserção do cheerleading na Educação Física escolar como manifestação da cultura corporal de movimento.	Pesquisa bibliográfico-pedagógica com proposição de unidade didático-pedagógica fundamentada na articulação entre ginástica acrobática, dança e esportes técnico-combinatórios.	O cheerleading constitui um valioso recurso pedagógico para diversificar os conteúdos escolares além dos esportes tradicionais, promovendo a cooperação, o desenvolvimento de habilidades motoras complexas e o engajamento corporal de crianças e jovens.
Santana (2022)	Experiência inovadora na educação física escolar: relato da prática de cheerleading entre crianças e adolescentes	Desenvolvimento motor, percepção corporal, expressão cênico-emocional e questionamento de estereótipos de gênero em crianças e adolescentes (4 a 13 anos) por meio da vivência do cheerleading na escola.	Pesquisa participativa qualitativa fundamentada na fenomenologia. Aplicada em colégio particular de São Paulo (2019) com 52 alunos distribuídos em 7 turmas (do pré-infantil ao 8º ano). Coleta via diário de campo, observação direta e registros audiovisuais.	A prática do cheerleading escolar amplia as habilidades físicas e coordenativas, promove a autoaceitação corporal e o trabalho em equipe, rompendo com o "quarteto fantástico" dos esportes tradicionais e desconstruindo preconceitos de gênero ao integrar meninos e meninas de maneira cooperativa.
Santana (2023)	Cheerleading nos Jogos Olímpicos: novas perspectivas para o cenário esportivo brasileiro	O desenvolvimento do cheerleading no Brasil no curto, médio e longo prazo à luz da Teoria de Gestão do Esporte, considerando o reconhecimento da modalidade pelo COI.	Pesquisa qualitativa exploratória composta por análise documental dos regulamentos oficiais (UBC, FUPE, Cheerfest, ICU) e 7 entrevistas semiestruturadas com coaches/gestores experientes em São Paulo.	O esporte vive uma transição da informalidade/autofinanciamento ("lazer sério") para a institucionalização via CBCD. Os maiores desafios de curto/médio prazo envolvem patrocínio e regularização jurídica; a longo prazo, aponta-se a profissionalização da gestão, exigência de Educação Física (CREF) e expansão escolar.
Novaes et al (2024)	Panorama do cheerleading no Brasil	Descrição do processo de desenvolvimento histórico, distribuição geográfica e situação organizacional atual	Abordagem metodológica descritiva baseada em análise documental dos registros oficiais dos rankings (categoria Team Cheer) do Campeonato Cheerfest Supernational	Evidencia-se um crescimento expressivo e a descentralização do esporte, extrapolando o polo inicial do eixo RJ-SP-PR para 10 estados e o DF. Constata-se a hegemonia das equipes

		do cheerleading competitivo no Brasil.	(edições 2017, 2018, 2019 e 2022) resgatados via *Wayback Machine* e Portal Cheer.	universitárias, acompanhada pelo crescimento do segmento All Star. Ressalta-se a escassez de registros oficiais e a necessidade de gestão profissional.
Silva (2023)	CHEER: um documentário memorialístico para pensar as relações de poder e gênero no esporte	Disputas de memória, representações de gênero e dispositivos de violência/relações de poder presentes nos relatos das introduções das duas temporadas da série documental *Cheer* (Netflix).	Pesquisa qualitativa em Comunicação baseada na análise de conteúdo e na análise da materialidade audiovisual de trechos introdutórios da série. Articula conceitos de memória/lugares de memória (Halbwachs, Nora, Pollak) e gênero/poder (Scott, Butler, Santos).	As memórias no cheerleading constituem um campo contínuo de disputas. Enquanto a 1ª temporada constrói uma narrativa hegemônica de superação atlética para afastar a imagem de fragilidade, a 2ª temporada rompe esse pacto ao trazer denúncias de abusos sexuais, pedofilia e silenciamento pela liderança, escancarando violências simbólicas no esporte.
Moreira (2025)	Pompons e minissaias no país do futebol - Cheerleaders: um estereótipo e um ícone	A construção simbólica e midiática da cheerleader como ícone/estereótipo de gênero/raça, e as formas de tradução, apropriação e ressignificação dessa figura no Brasil (com recorte na Cheerleading UFRN e no Dunas All Stars - RN).	Monografia em Jornalismo. Utiliza análise semiótica (Barthes, Eco, Peirce), estudos culturais (Hall, Butler), perspectiva interseccional (raça, gênero e classe com bell hooks e Patricia Hill Collins) e abordagem autoetnográfica (autora como atleta/gestora).	A imagem importada da cheerleader (associada à "garota perfeita", magra e loira) é ressignificada no Brasil. Atletas negras, gordas e pessoas dissidentes de gênero realizam uma contra-hegemonia/contravisibilidade, convertendo a prática em um ato de ocupação política e esportiva. Contudo, persistem barreiras de invisibilidade, precarização e violências.
Kunast (2024)	5, 6, 7 e 8: série documental jornalística em audiovisual sobre a trajetória e desenvolvimento das equipes de cheerleading de Ponta Grossa	A trajetória histórica, o desenvolvimento e os desafios cotidianos das equipes de cheerleading (universitárias e All Star) do município de Ponta Grossa (PR).	Produção experimental em Jornalismo (série documental audiovisual em 4 episódios). Utiliza pesquisa bibliográfica, análise documental e entrevistas jornalísticas com 16 fontes (atletas, coaches, fundadores e jurados do Engenharíadas 2024).	Ponta Grossa afirma-se como um polo relevante do cheerleading paranaense (11 equipes na LCPG e o ginásio Rebellion All Star). No entanto, a modalidade enfrenta desconhecimento da população, estigmatização sexista, sobrecarga mental dos estudantes e graves restrições financeiras, dependendo da autogestão dos atletas (rifas, doces e semáforos) para viabilizar treinos e viagens.
Ferreira (2025)	A gente conversa depois do treino: livro-	A reconstrução histórica do surgimento e expansão do	Projeto experimental em Jornalismo focado na produção de um livro-reportagem histórico-	O cheerleading brasileiro e paranaense foi construído pela persistência autônoma dos praticantes frente à

	reportagem sobre a história do cheerleading no Brasil e no Paraná	cheerleading no Brasil e no Paraná, analisando aspectos sociais, estereótipos e barreiras para a consolidação da modalidade.	narrativo. Fundamentado no *New Journalism* (imersão e detalhamento subjetivo) e Jornalismo Literário, com coleta de dados via pesquisa histórica documental (*Wayback Machine*) e entrevistas em profundidade.	descontinuidade de acervos digitais (como a queda do Cheer One Channel) e à omissão das mídias hegemônicas. O trabalho resgata a memória do esporte e demonstra como o engajamento comunitário impulsionou a evolução técnica e a preservação identitária da modalidade.

Conforme apresentado, a produção acadêmica sobre o *cheerleading* aborda diferentes aspectos da modalidade, desde a experiência dos praticantes e sua organização esportiva até as possibilidades pedagógicas e as representações sociais. Para compreender como o tema vem sendo estudado, este capítulo apresenta os 12 trabalhos selecionados na revisão de literatura, organizados por aproximação temática. Também são utilizadas pesquisas internacionais e outras referências complementares, que auxiliam na contextualização das discussões.

Entre os estudos voltados à experiência dos praticantes, Nascimento e Ataliba (2019) investigaram o aprendizado do *cheerleading* na Universidade de Brasília. Os autores identificaram que os conhecimentos técnicos eram transmitidos principalmente entre os próprios estudantes, por meio da experiência e da troca entre os integrantes das equipes. Também foram apontadas dificuldades relacionadas à organização dos treinamentos, à conciliação com os estudos e aos custos de participação em competições.

Borges (2019) investigou os fatores que motivavam a participação de atletas da Universidade Federal de Uberlândia na modalidade. Entre os aspectos mais valorizados estavam o desenvolvimento da competência técnica e da aptidão física. O estudo também identificou dificuldades relacionadas à falta de infraestrutura e à organização dos horários de treinamento.

Costa et al. (2022) analisaram a dupla carreira de estudantes-atletas da Universidade de Brasília. Os resultados indicaram que os praticantes vinculados simultaneamente a equipes universitárias e a ginásios privados dedicavam mais horas semanais aos treinamentos, evidenciando os desafios de conciliar as atividades acadêmicas e esportivas.

Souza, Contreira e Fiorese (2022) analisaram aspectos psicológicos de atletas brasileiros, com atenção à paixão e ao perfeccionismo. Os resultados apontaram níveis elevados de paixão harmoniosa pela modalidade, indicando uma relação positiva dos

participantes com a prática esportiva.No campo das possibilidades pedagógicas, Oliveira (2018) propôs a utilização do *cheerleading* como conteúdo nas aulas de Educação Física, destacando sua relação com elementos da ginástica, da dança e dos esportes. O autor também apontou possibilidades de desenvolvimento de capacidades físicas e de atitudes relacionadas à cooperação e ao respeito.

Santana (2022) apresentou um relato de experiência com crianças e adolescentes em um contexto escolar. O trabalho abordou possibilidades de desenvolvimento motor, autonomia, expressão corporal e convivência entre os participantes, além de destacar a participação de meninos na modalidade e as possibilidades de questionamento de estereótipos de gênero.

Em relação à organização e à expansão da modalidade no Brasil, Santana (2023), em sua dissertação de mestrado, discutiu os desafios relacionados à regulamentação, à formação de treinadores, ao financiamento e à profissionalização administrativa. A partir de documentos e entrevistas com profissionais envolvidos no *cheerleading*, o autor abordou aspectos institucionais que influenciam o desenvolvimento da modalidade. Na regulamentação, exemplifica-se a fundação da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança (CBCD), o alinhamento estatutário à Lei Pelé, a exigência de CNPJ para equipes e a criação do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) próprio do esporte. Na formação de treinadores, aponta-se a superação do aprendizado empírico pela exigência gradual de graduação em Educação Física com registro no CREF e pela oferta de cursos via *CBCD Academy*. No financiamento, destaca-se a prevalência do autofinanciamento sob a lógica do "lazer sério" e a viabilização de auxílios públicos, como o *Bolsa-Atleta*, a partir da regularização burocrática das entidades. Por fim, na profissionalização administrativa, defende-se a superação do acúmulo de funções por gestores jovens, inspirando-se no modelo corporativo do voleibol e na expansão da prática para a categoria escolar.

Novaes et al. (2024), por meio da análise de registros de competições realizadas entre 2017 e 2022, investigaram a expansão territorial do *cheerleading* brasileiro. Os autores identificaram a presença da modalidade em diferentes regiões do país, além da participação expressiva de equipes universitárias e do crescimento de estruturas privadas, conhecidas como *All Star*. O estudo também apontou dificuldades relacionadas à organização e à preservação de dados históricos. Nesse levantamento, os autores demonstram que a modalidade teve seu início concentrado no eixo Rio de Janeiro–São Paulo, centros que abrigaram as primeiras equipes e funcionaram como os polos difusores primários do esporte no país (Novaes et al., 2024). Atualmente, o estado de São Paulo

consolida-se como o maior polo nacional, liderando a quantidade de instituições e de equipes participantes com o registro de 28 equipes na edição de 2022, seguido pelo Rio de Janeiro, que se destaca pela forte presença e tradição de ginásios *All Star* (Novaes et al., 2024).

As representações sociais da modalidade são abordadas por Silva (2024), que analisou a série documental *Cheer* a partir das relações entre memória, gênero e poder no esporte. A pesquisa discutiu como a produção audiovisual apresenta diferentes aspectos do *cheerleading*, tanto em relação ao alto rendimento quanto aos conflitos presentes em seu contexto competitivo.

Moreira (2025) investigou a construção da imagem da *cheerleader* e os estereótipos associados à figura feminina. A partir de uma abordagem relacionada aos Estudos Culturais, o trabalho discutiu como equipes brasileiras podem ressignificar essas representações, questionando padrões estéticos e ampliando as possibilidades de identificação e pertencimento na modalidade.

A preservação da memória também aparece nos trabalhos de Kunast (2024) e Ferreira (2025). Kunast (2024) produziu uma série documental sobre a história do *cheerleading* em Ponta Grossa, abordando a trajetória das equipes universitárias e do ginásio Rebellion All Star, além de registrar experiências e dificuldades enfrentadas pelos envolvidos com a prática. Ferreira (2025), por sua vez, desenvolveu um projeto de livro-reportagem reunindo relatos de pessoas que participaram da construção do *cheerleading* no Brasil, contribuindo para preservar experiências que nem sempre estão registradas em documentos oficiais.

Essa diferença entre a organização esportiva e a percepção social também pode ser observada na realidade de Ponta Grossa. Conforme os dados apresentados por Kunast (2024) e Ferreira (2025), o município desenvolveu uma trajetória expressiva na modalidade, com a presença de equipes universitárias, da Liga de *Cheerleading* de Ponta Grossa e do ginásio *Rebellion All Star*. O cenário local também apresenta resultados em competições a nível internacional, como a conquista do *Rebellion* na categoria *Open Coed 4 NT (Non-Tumble*), no AIA Global *Tournament* de 2026 (Ponta Grossa, 2026). Esses exemplos demonstram a participação do município no desenvolvimento do *cheerleading* e ajudam a evidenciar a distância entre a estrutura que a modalidade possui na prática e o conhecimento que ainda existe sobre ela fora desse meio.

Apesar da dedicação dos praticantes e do crescimento das equipes, o *cheerleading*

ainda enfrenta dificuldades de reconhecimento. Conforme já mencionado, Silva (2023) observa que a modalidade permanece no imaginário coletivo como um esporte secundário, muito associado à imagem hollywoodiana de superficialidade e popularidade apresentada nos filmes. Essa percepção também é discutida por Moreira (2025), ao abordar a construção de estereótipos relacionados à imagem das *cheerleaders*. Tais representações podem reduzir a compreensão do esporte à animação de torcidas e à aparência dos participantes, deixando em segundo plano as exigências técnicas, físicas e coletivas envolvidas na prática.

As questões de gênero também merecem atenção nesse contexto. A associação da feminilidade ao *cheerleading* contribui para a reprodução de estereótipos sobre quem pode praticá-lo e sobre quais atividades são socialmente consideradas adequadas para homens e mulheres (Silva, 2023). Dessa forma, enquanto as mulheres podem ter sua participação associada principalmente à aparência, os homens podem enfrentar julgamentos por estarem envolvidos em uma modalidade culturalmente relacionada ao feminino (Santana, 2023; Moreira, 2025). Assim, discutir o reconhecimento do *cheerleading,* também significa questionar representações sociais que desconsideram a diversidade de seus praticantes e a complexidade da modalidade.

Apesar de sua pouca visibilidade em comparação a outros esportes, muitos atletas dedicam parte de sua trajetória ao *cheerleading* e desenvolvem uma forte relação com a modalidade. Resende (2021) observa que os fatores que levam os atletas à permanência no esporte envolvem os vínculos construídos, o apego à prática e a vontade de evoluir. Além das dificuldades de reconhecimento, a manutenção das equipes envolve desafios financeiros e estruturais. Os trabalhos consultados apontam que despesas com uniformes, inscrições, deslocamentos e participação em competições podem depender dos próprios atletas e de iniciativas de arrecadação organizadas pelas equipes (Nascimento; Ataliba, 2019; Kunast, 2024). Portanto, o desenvolvimento da modalidade não depende somente da existência de regulamentos e instituições, mas também de condições que possibilitem a continuidade das equipes e ampliem o acesso à prática.

Tal perspectiva contribui para compreender o valor pedagógico e social do *cheerleading*, especialmente no ambiente escolar. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) caracteriza o esporte da seguinte maneira:

> Caracteriza-se por ser orientado pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (*adversários*), regido por um conjunto de regras formais, institucionalizadas por organizações (associações, federações e confederações esportivas), as quais definem as

> normas de disputa e promovem o desenvolvimento das modalidades em todos os níveis de competição [..] Como toda prática social, o esporte é passível de recriação por quem se envolve com ele.

Considerando essas características, é possível estabelecer relações entre o *cheerleading* e as práticas corporais contempladas pela BNCC. A modalidade exige o desenvolvimento de força, equilíbrio, flexibilidade, sincronia e resistência. Embora a BNCC não classifique diretamente o *cheerleading* como esporte técnico-combinatório, é possível estabelecer aproximações com essa categoria, considerando a combinação de movimentos e a avaliação da qualidade de sua execução. Conforme apresentado no documento, essa classificação reúne modalidades nas quais o resultado da ação motora é comparado a partir da qualidade do movimento e de padrões técnico-combinatórios, como ocorre na ginástica artística, na ginástica rítmica, no nado sincronizado e na patinação artística (BNCC, 2018).

Essas características apresentam aproximações com a organização do *cheerleading* na atualidade.

No contexto paranaense, o Currículo da Rede Estadual Paranaense (CREP) também oferece possibilidades de reflexão sobre a diversificação das práticas corporais trabalhadas na escola. Por reunir elementos de diferentes manifestações corporais, como movimentos ginásticos, rítmicos e esportivos, o *cheerleading* pode ser explorado em propostas que ampliem o repertório cultural dos estudantes. Além disso, atividades adaptadas ao ambiente escolar podem favorecer a cooperação, a comunicação, o respeito às diferenças e a participação coletiva, desde que considerem a faixa etária, os objetivos de aprendizagem e as condições de segurança disponíveis.

A discussão sobre a inserção da modalidade na escola também envolve a formação dos profissionais responsáveis por sua orientação. Santana (2023) aponta a ausência de programas específicos de formação para *coaches* e a necessidade de um sistema de gestão mais profissional e centralizado. Embora a CBCD disponibilize capacitações voltadas aos treinadores, a abordagem escolar exige conhecimentos pedagógicos e capacidade de adaptar os conteúdos às características dos estudantes. Nesse sentido, a proposta não deve ter como finalidade formar atletas de alto rendimento, mas possibilitar o contato com uma prática corporal que ainda é pouco conhecida em muitas instituições de ensino.

Ferreira (2025), ao reunir entrevistas com pessoas que participaram da história do cheerleading no Brasil, apresenta, ao final de seu livro, uma reflexão sobre a necessidade de ampliar a participação de crianças e adolescentes na modalidade:

> Desde a primeira entrevista feita com Guilherme de Campos até a última com

> Alexandre Bicaio, eu escutei que o cheer precisa ficar mais novo. Ou seja, precisamos de mais crianças competindo, para que elas possam evoluir em um período maior que uma graduação. O trabalho que Juan está fazendo no BX é um dos exemplos disso, com adolescentes até 18 anos. Ou o que o Rebellion fez com o Sparks em 2024, que levou os atletas a um patamar nacional. Ou o que o CTC faz ano a ano, transformando crianças em atletas de elite em menos de um ano.

Observamos que, claramente o objetivo do *cheerleading* escolar não seria a profissionalização de atletas, nem tornar alunos atletas da elite, mas sim, assim como todos os outros esportes apresentados nas aulas de educação física, ter como objetivo a ampliação do repertório cultural dos alunos, dando a possibilidade de que alunos de escolas públicas tenham acesso a esse esporte. Assim, contribuindo também para a popularização desta modalidade, e desmistificando todos os estereótipos enraizados culturalmente pelo Brasil. E quem sabe, alunos que se identifiquem com está prática, não se tornem futuramente atletas da modalidade. Como Juan Vallentin, atleta mencionado no livro de Ferreira (2025):

> Juan começou sua carreira no cheerleading em 2017. Nesta época o Asas Negras, equipe da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) de Ponta Grossa, treinava no mesmo colégio em que estudava. Após ver um dos treinos da equipe, Juan conta que sentiu uma curiosidade em relação ao esporte. “Eu acho que foi tipo uma paixão à primeira vista, sabe? Porque foi totalmente diferente. Eu já fazia dois anos de vôlei. Então, os meus colegas de vôlei ganharam bolsa de estudo e aí eu saí do vôlei para viver só de cheer. A partir daí mudou completamente”.

Pelo seu relato o *cheerleading* que hoje é o seu esporte mais praticado, não foi apresentado na escola na disciplina de educação física, como um esporte completo e fundamentado, mas sim, só avista, e mesmo assim, o entrevistado criou interesse pelo esporte, e se não fosse a esse acesso que teve em sua escola, que funcionou como o despertamento de uma nova paixão, talvez ele não tivesse hoje, se tornado um atleta e coach tão prestigiado. Dessa forma, a inserção do c*heerleading* na escola deve ser compreendida principalmente como uma possibilidade de ampliação da cultura corporal dos estudantes. Mais do que incentivar a formação de atletas, sua abordagem pode contribuir para que os alunos conheçam novas práticas, desenvolvam experiências coletivas e questionem estereótipos relacionados ao esporte e às relações de gênero.

5. ESPORTIVIZAÇÃO

Neste presente capítulo vamos compreender o conceito de esportivização, partindo de uma busca no “Dicionário crítico da Educação Física”, seguindo uma leitura da p. 263 à página 266, González (2014 p. 264) afirma que “o termo *esportivização* pode ser encontrado na literatura da área de educação física no mínimo com quatro sentidos”, sendo eles: *Esportivização* inaugural; O processo de transformação; A cooptação de propósitos e

práticas pedagógicas; Incorporação do esporte fora do campo das práticas corporais. Os quais serão respectivamente apresentados.

No primeiro sentido a *esportivização* é conceituada como o começo de tudo, a origem do esporte, ou melhor dizendo a "esportivização inaugural". Sentido este que se teve sua origem na Inglaterra, em meados do século XVII até o século XX durante a industrialização quando o esporte passa a fazer parte de um processo civilizador "que teve como característica fundamental o aumento da sensibilidade em relação à violência e a aceitação do princípio da alternância dos vencedores" (Elias;Dunning, 1995 *apud* González, 2014). Aquilo que era uma prática realizada na própria cultura corporal de movimento, seja ela da nobreza inglesa ou de classes populares, convertendo-se em atividades caracterizadas como esporte. Prática está definida como uma atividade corporal, que tem por objetivo definir o melhor em determinados grupos, equipes ou times, regida por regras de acordo com uma instituição, aquela pois que a regulariza mundialmente.

O segundo sentido é definido como o processo de transformação, seria quando estas práticas presentes em circunstâncias não competitivas e livres de uma instituição passam a incorporar elementos do esporte de rendimento. Diferencia-se do primeiro sentido por não se falar de quando o esporte se originou, mas sim da codificação de uma prática nascida em um ambiente completamente aleatório, com origem no lazer, arte, em sua defesa (como exemplo de lutas) e até de um ato de se expressar. Bem como pode-se utilizar de exemplo o processo de transformação do *Sidelinechee*r para *Cheerleading* competitivo, que buscou uma regulamentação unificada, hoje concedida pela ICU, submetendo a prática a institucionalização e rendimento, o que não faziam parte de sua origem.

O terceiro sentido de *esportivização* refere-se à cooptação de propósitos e práticas pedagógicas da Educação Física escolar pela lógica do desporto de alto rendimento. Nesta perspectiva, o professor passa a reproduzir códigos e normas do esporte institucionalizado, transformando-se em um treinamento, conforme assinala Bracht (1992, p.22 *apud* González, 2014) ao destacar que nesse sentido de *esportivização* "O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva". Consequentemente, não ocorre a inclusão de todos os alunos na prática, mas sim uma valorização dos alunos com melhor desempenho, observando-se um afastamento de outras manifestações da cultura corporal.

O quarto e último sentido apresentado no livro (González, 2014 p. 265), fala sobre *esportivização* como "à incorporação da lógica do esporte de rendimento e/ou espetáculo em espaços sociais fora do campo das práticas corporais", neste contexto entende que os esportes tem chegado a lugares, influenciando o modo de agir do povo e seus presentes

espaços, em suas vestimentas e gestos, moldando a sua vida cotidiana. A *esportivização* neste contexto, seria a lógica da competição e do rendimento, afetando a forma de ver e sentir o mundo. Assim como assinala González (2014) sob a visão de Maguire (2003) “entende-se que o esporte tem penetrado em todos os espaços e afetando não apenas só a vida das pessoas nas diferentes sociedades, mas também os lugares onde elas habitam”.

Dentre todas estas definições para o conceito de esportivização, destaca-se o primeiro e segundo sentido da palavra, os quais focam no processo de transformação de uma prática livre em um esporte regulamentado. Conforme citado no dicionário crítico da educação física, o termo "esportivização" assemelha-se à perspectiva de Norbert Elias e Eric Dunning na obra *A busca da excitação*. No livro, o conceito utilizado é o de "desportivização" (termo empregado na tradução para designar o processo de esportivização), o qual se refere à transformação histórica dos antigos jogos em modalidades esportivas. Como explica Elias (1992, p. 42-43):

> A transição dos passatempos a desportos, a «desportivização», se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de um avanço de civilização.

Dessa forma, a esportivização integra o processo civilizador, visto que "[a] «desportivização», em resumo, possui o carácter de um impulso civilizador comparável" (Elias, 1992, p. 224). Esse conceito expressa o processo pelo qual uma prática passa pela instituição de regras escritas e codificadas por associações ou instâncias organizacionais, as quais estabelecem os limites autorizados para o uso da força e protegem a integridade física dos participantes. Conforme define o autor, "um desporto, seja ele qual for, é uma actividade organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes" (Elias, 1992, p. 232).

Para compreender essa transformação, vale resgatar a trajetória histórica apresentada no início deste estudo, que relembra às origens da modalidade ainda no século XIX. Esse processo demonstra que a prática deixou de ser uma atividade informal de apoio às torcidas para se estruturar como um esporte competitivo, e essa evolução exigiu a criação de regras que dialogam diretamente com o impulso civilizador voltado ao controle de riscos e à preservação da integridade física.

No *cheerleading*, esse impulso civilizador manifesta-se no controle rigoroso dos riscos aos elementos acrobáticos, lançamentos (*baskets*) e formações de stunts e pirâmides. A elaboração de manuais de segurança e códigos de pontuação padronizados

atua como mecanismo de contenção da violência e preservção da integridade física dos atletas, transformando o perigo que a prática exibe, em uma exibição que apesar de regrada ainda entrega performance.

Outro pilar conceitual da obra refere-se à função do lazer e do esporte na produção de uma agradável tensão-excitação. Em sociedades urbanas, nas quais a vida cotidiana exige um grau maior de autocontrole emocional, as atividades esportivas funcionam como uma esfera de ação mimética. Essa dimensão permite aos indivíduos vivenciar conflitos e emoções intensas em um ambiente controlado e socialmente aprovado.

Elias explica que a dinâmica do jogo esportivo atua como uma simulação de confronto com efeitos catárticos de liberação da tensão, assim, o esporte tem "um enclave social onde a excitação pode ser desfrutada sem as suas perigosas implicações sociais e individuais" (Elias; Dunning, 1992, p. 138). Ao aproximar a dinâmica do jogo esportivo de Elias (1992) com o objeto deste estudo, entendemos que nas rotinas competitivas de *cheerleading* se simulam essa alta intensidade emocional e física em um ambiente delimitado (*Cheerfloor*), proporcionando aos praticantes e espectadores a liberação de tensão e a excitação mimética sob o amparo de normas universais.

Portanto, o movimento de esportivização da modalidade não se reduz à simples alteração do formato de apresentação, que conforme reflexões de González (2014, p. 264):

> No entendimento de Guttmann (apud Bracht, 1997, p.10), as práticas não esportivas incorporam no seu processo de conversão em esporte moderno (*esportivização*) sete características básicas: secularização, igualdade de chances, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do recorde.

No caso do *cheerleading*, essa conversão reflete o percurso do *sideline cheer* modalidade focada na animação de torcida e suporte a outros esportes, para o *cheerleading* competitivo. Essa reestruturação submeteu a prática a instituições de gestão global, como a *International Cheer Union* (ICU), e nacionais, como a Confederação Brasileira de *Cheerleading* e Dança (CBCD), resultando no estabelecimento de rotinas de dois minutos e meio regidas por exigências técnicas e acrobáticas rigorosas, quais se há um aprofundamento maior no capítulo seis (6). Com isso, a modalidade abandonou o caráter secundário de suporte para se consolidar como um fenômeno esportivo autônomo e de alto rendimento.

6. ANÁLISE DO REGULAMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO CHEERLEADING COMO ESPORTE MODERNO

Para compreender detalhadamente como essa transformação se materializa na prática do esporte no Brasil, este presente capítulo passa a analisar o documento normativo da CBCD (o qual se obteve acesso pelo site aberto da confederação) e a literatura encontrada na área do *cheerleading*. Relacionando estes dados com os critérios de Guttmann para o esporte moderno ou esporte de alto rendimento, esporte este que se diferencia de esportes da antiguidade com base em suas sete características: Secularização, igualdade de chances, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca do recorde, características estas refletidas por Pillati (2002, p. 63 a 76) e Durães *et al* (2015).

Como apresentado anteriormente, a primeira característica do esporte moderno de acordo com Guttmann (1978) é a secularização, segundo ele o esporte é uma prática secular. Em sua reflexão um esporte moderno necessita que sua atividade seja secular. De acordo com Durães et al (2015) Guttmann (1978) entende que as práticas não se podem limitar-se apenas em atos religiosos a ponto de toda atividade se tornar um rito sagrado, portanto assim como bem aponta Pillati (2002, p. 67) “O tempo do esporte não é mais um tempo ritual”.

No cenário nacional, a organização do *cheerleading* competitivo apresenta características compatíveis com a secularização discutida por Guttmann (1978). O Estatuto Social da Confederação Brasileira de *cheerleading* e Dança (CBCD, 2025) estabelece a entidade como uma associação sem fins econômicos e sem cunho político ou partidário, enquanto o Regulamento Oficial do Campeonato Brasileiro de *cheerleading* (2026) estabelece normas específicas para a realização das competições. Esses documentos demonstram que a modalidade possui uma organização institucional e competitiva própria, orientada por critérios técnicos e esportivos.

Dessa forma, embora os documentos analisados não permitam afirmar, isoladamente, uma ruptura histórica completa com possíveis manifestações religiosas associadas à modalidade, eles evidenciam que o *cheerleading* competitivo brasileiro se organiza atualmente a partir de uma lógica esportiva, sem apresentar a finalidade religiosa ou ritualística como fundamento de suas competições. Essa característica aproxima a modalidade do conceito de secularização proposto por Guttmann (1978). Nesse sentido, Moreira (2025, p. 39), ao discutir o *cheerleading* moderno, também destaca sua transformação de uma prática inicialmente associada à animação de torcidas para uma

estrutura esportiva autônoma, organizada por instituições reguladoras.

A segunda característica apresentada por Guttmann (1978) é a Igualdade de chances, segundo Durães *et al* (2015) “Na atualidade a igualdade é percebida nas regras estabelecidas e pelas transformações sofridas por elas no curso da história”. Anteriormente refletimos a luz de Norbert Elias que ocorreu o processo de esportivização de práticas ao mesmo tempo que ocorreu o processo civilizador, ocasionando na criação de regras e no avanço destas mesmas, Guttmann (1978) traz como consequência deste avanço a igualdade de chances.

No âmbito do *cheerleading* brasileiro, essa equidade e padronização são garantidas pelo Estatuto da CBCD (2025) e normatizadas pelo Regulamento do Campeonato Brasileiro de *Cheerleading* (2026). No aspecto normativo e estrutural, a igualdade é assegurada pela adoção de um regulamento técnico unificado ICU (2026) traduzido pela CBCD (2026), o qual submete todas as equipes a condições idênticas de disputa. Conforme a confederação, todas as apresentações ocorrem em áreas tabladas, denominadas como *Cheerfloor* ou em tatames, o qual se tem dimensões rigorosamente padronizadas de 12,8 m × 15,9 m e sob o mesmo limite temporal de execução de até três minutos (CBCD, 2026, p. 10,11).

Para garantir o equilíbrio competitivo e evitar vantagens indevidas, o regulamento do campeonato brasileiro de *cheerleading* (2026) estabelece critérios formalizados. Assim como a igualdade física e técnica, que é garantida por meio de uma divisão de categorias, sendo elas escolar, universitária e *All Stars*. Bem como a uma divisão por níveis de habilidade, sendo: Noviço (Nível 1); Intermediário (Nível 2); Mediano (Nível 3); Avançado (Nível 4). Cada um desses níveis exige uma certa habilidade, assim como se há elementos obrigatórios e ilegais a cada nível, conforme bem definido no regulamento da CBCD onde se há detalhamento para cada um desses niveis, explicando cada exigencia (CBCD, 2026 p.12 - 43).

Para garantir melhor equidade quando se diz a respeito de faixas etárias, se há mais divisões, elas chamadas de: *Primary,* com atletas de 8 a 12 anos de idade; *Youth,* com 12 a 14 anos de idade; Júnior, com 15 a 18 anos de idade; Senior, com 16 anos de idade ou mais. Assim como se há divisões de gênero, denominadas de All *Girl* para equipes exclusivamente femininas, *All Boy* para equipes exclusivamente masculinas e *Coed* para equipes que integram os dois gêneros. Estas equipes denominadas Coed são sujeitas a uma cota proporcional exata de atletas do gênero masculino, conforme a quantidade de integrantes na equipe (Estatuto da Confederação Brasileira de *Cheerleading*, 2026 p. 3).

No regulamento concedido pela CBCD (2026), é vedado a realização *crossovers*, o

que impede um mesmo atleta de competir por mais de uma equipe no campeonato. No âmbito de avaliação técnica e na garantia de direitos, a igualdade de chances é assegurada por bancas de arbitragem que utilizam folhas de pontuação padronizadas por nível. Para resguardar o direito ao devido processo desportivo, o regulamento garante aos treinadores o direito de revisão de notas no prazo de 30 minutos após a entrega das súmulas. Assim portanto, o *cheerleading* apresentando-se como um esporte que se há uma igualdade de chances definas pelos órgãos reguladores.

Essas determinações demonstram que o *cheerleading* possui mecanismos regulamentares voltados à organização e ao equilíbrio das disputas, aproximando-se da igualdade de chances proposta por Guttmann (1978). Entretanto, é importante diferenciar a igualdade estabelecida pelas regras das condições concretas de participação das equipes. A existência de um regulamento unificado não significa que todas disponham dos mesmos recursos financeiros, infraestrutura e oportunidades de treinamento. Assim, os documentos analisados evidenciam avanços na padronização das condições competitivas, embora não permitam afirmar a existência de igualdade plena entre as equipes.

A Especialização de Papéis, terceira característica do esporte moderno segundo a tipologia de Guttmann (1978), caracteriza-se pela divisão das tarefas entre os atletas e pela exigência de competências técnicas específicas, tanto na execução motora quanto na gestão da prática esportiva. Atualmente as competições esportivas se modernizaram ao ponto da competição se tornar um espetáculo e “essas transformações, impostas pela especialização, geraram profissionalismo” (Pilatti, 2002). Sendo assim necessário uma especialização de papéis entre esporte, atleta e profissional, entretanto, dentro de cada modalidade esportiva ainda há a especialização, onde cada atleta tem a sua própria função na sua determinada equipe (Durães et al. 2015).

No *cheerleading* brasileiro, essa especialização é evidente tanto na dinâmica interna da rotina competitiva quanto na organização institucional e regulatória estabelecida pela Confederação Brasileira de *Cheerleading* e Dança (CBCD, 2026). No âmbito da prática esportiva, o Regulamento do Campeonato Brasileiro (CBCD, 2026) e as diretrizes da *International Cheer Union* (ICU) codificam funções delimitadas para a execução de uma rotina (CBCD, 2026). Wright (2011), explica sobre cada uma dessas funções dentro da performance do esporte, sendo elas divididas em: Flyers, bases laterais e centrais, frontspot, backspot e spotters, a seguir vamos compreender sobre cada uma dessas funções:

Atletas de Cima (Flyers): Responsáveis por executar os elementos acrobáticos,

rotações e posições corporais no topo das elevações, pirâmides e lançamentos (*baskets*). Exige-se das *flyers* alto grau de flexibilidade, leveza, controle postural, equilíbrio aéreo e uma profunda relação de confiança com suas bases.

Bases Lateral e central*:* Atletas com atribuições de sustentação, encarregados de erguer, arremessar e amortecer a recepção com técnica e estabilidade, segurando os pés ou o corpo de suas *flyers*. Sustentando diretamente seus pés e fornecendo a potência necessária para a elevação e o arremesso.

Base Frontal (*Frontspot*): Posicionada à frente do *stunt*, auxilia no impulso de subida, na estabilização postural e na correção técnica do alinhamento da *flyer* durante a elevação.

Base Traseira (*Backspot*): Posicionada atrás da elevação, é responsável por segurar os tornozelos e pernas da *flyer*, dar suporte no direcionamento vertical e proteger com prioridade a cabeça, o pescoço e a coluna da *flyer* durante recepções e desmontes.

Spotters de Segurança: Agentes com função exclusiva de segurança, cuja presença é obrigatoriamente exigida para monitorar e proteger a região da cabeça e ombros do atleta de cima durante a realização de habilidades de risco. O regulamento exige inclusive que os *spotters* sejam fornecidos pela organização e estejam uniformizados de forma diferenciada dos atletas para destacar sua função preventiva na área de competição (CBCD, 2026).

Acrobatas (Tumblers)**:** Atletas especializados na execução de passagens acrobáticas paradas e corridas ao longo do solo de performance, articulando movimentos de rotação do tronco sobre a cabeça.

Para além da especialização motora dos atletas no tablado, a tipologia de Guttmann (1978) diz a respeito da divisão do trabalho técnico e de gestão, no *cheerleading* esta figura é denominada *Coach*, que nada mais é do que o treinador (Santana, 2023). O desenvolvimento e a consolidação do *cheerleading* como sistema esportivo moderno no Brasil foi inicialmente conduzida de forma amadora por atletas experientes que replicavam conteúdos internacionais (Ataliba; Nascimento, 2019), a figura do *coach* evoluiu para um papel altamente especializado e multifuncional. Atualmente, esse profissional assume a gestão tática, o manejo pedagógico voltado à prevenção de lesões e a promoção da segurança física dos atletas. Essa transição do amador para treinadores capacitados, se dá pelas exigências das entidades reguladoras, como a CBCD, que estabeleceram diretrizes de capacitação continuada e a obrigatoriedade que o treinador tenha registro no Conselho Regional de Educação Física (CREF), fundamentando a prática esportiva em parâmetros científicos e normativas internacionais (Santana, 2023).

A quarta característica do esporte moderno articulada por Guttmann (1978) é a Racionalização. Pilatti (2002) explica que, na racionalização, todas as estratégias são elaboradas racionalmente, controladas por métodos de treinamento, bem como pelas avaliações dos atletas; ou seja, são controladas todas as suas ações, inclusive no plano pessoal, bem como nas diversas atribuições técnicas e táticas deles. Bem como sintetiza Durães et al (2015), os esportes “estabelecem um complicado universo de normas e de estratégias, as quais especificam os fins e a maneira como devem ser perseguidas e obtidas; elas também regulam os equipamentos, as técnicas de jogo e as condições de participação”.

No *cheerleading* brasileiro, essa lógica racionalizadora é documentada nas diretrizes formais da Confederação Brasileira de *Cheerleading* e Dança (CBCD). O controle dos métodos de treinamento e da preparação técnica, como mencionado anteriormente é estruturado por exigências formais de qualificação profissional. O regulamento estabelece que todos os atletas devem ser obrigatoriamente supervisionados por treinadores com registro ativo no CREF e que tenham concluído o Curso Oficial de Capacitação de Técnicos da CBCD. Resultando em uma evolução da preparação física, a racionalização passa a acontecer quando o aprendizado intuitivo do "aprender fazendo" passa a ser estruturado sobre bases científicas de periodização, que dividem a temporada em fases específicas (como a pré-temporada) voltadas ao condicionamento geral, fortalecimento articular direcionado especialmente para tornozelos, punhos e ombros, e exercícios preventivos para a redução de lesões. Além disso, a tática da rotina de 2 minutos e 30 segundos é matematicamente calculada sobre contagens rítmicas de oito tempos e avaliada por fichas de pontuação objetivas por elemento executado (Nascimento e Ataliba, 2019, p. 20; Santana, 2023, p. 76, 80).

No regulamento normativo do campeonato brasileiro de *cheerleading*, há um controle sobre a saúde e a apresentação pessoal, vedando o uso de substâncias que alterem o desempenho ou a capacidade de supervisão, como o uso de álcool, narcóticos e dopagem, proibindo também o consumo de alimentos e chicletes durante a prática e exigindo aprovação prévia para o uso de imobilizadores e suportes médicos, conforme alinhado com às normas da ICU (Regulamento do Campeonato brasileiro de *Cheerleading*, 2026). Em equipes competitivas, são adotados instrumentos racionais de monitoramento diário, como *planners* para conscientização e registro sistemático de hábitos de alimentação, horas de sono, hidratação e cumprimento da rotina de treinos resistidos adicionais (Santana, 2023, p. 76). Estes métodos adotados pelos times e treinadores, podem se caracterizar como racionalização. Pois, a partir das condutas que cada integrante

no esporte deve respeitar resulta no estilo de vida que cada um leva, esta maneira como vive podendo ou não conduzir para se ter um bom desempenho.

A quinta característica do esporte moderno segundo Allen Guttmann (1978) é Burocratização, esta refere-se à constituição de um meio organizacional e institucional responsável por normatizar, gerir e controlar a prática desportiva em suas diferentes instâncias. Conforme sintetiza Durães et al. (2015), Guttmann (1978) explica que os esportes contemporâneos são governados por um complexo sistema organizacional em níveis internacional, nacional e local, o qual controla o comportamento de atletas e equipes. Esse processo burocrático não apenas administra o desenvolvimento da modalidade, mas também transforma o espetáculo esportivo em um produto estruturado e adequado aos meios de comunicação de massa e ao mercado (Pilatti, 2002).

No *cheerleading*, essa dimensão burocrática foi obtida no processo de transformação de uma prática nas torcidas, o *sideline cheer* para o *cheerleading* competitivo como modalidade de alto rendimento. Em âmbito global, essa burocratização consolidou-se com a fundação da *International Cheer Union* (ICU) e o consequente reconhecimento pleno da modalidade pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2021 (Santana, 2023, p. 17). Como contextualizado no capítulo anterior, o cenário nacional brasileiro, a institucionalização avançou da atuação pioneira da União Brasileira de *Cheerleading* (UBC) em 2008 para a fundação da Confederação Brasileira de *Cheerleading* e Dança (CBCD) em 2019. Como entidade máxima filiada à ICU no Brasil, a CBCD adequou sua governança a Lei Pelé, incentivou a formalização jurídica dos clubes via CNPJ, estabeleceu o Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) da modalidade e firmou parcerias com a Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs) e com o Comitê Olímpico do Brasil (COB) (Santana, 2023, p. 36, 57, 65). Em âmbito estadual e local, a gestão ramifica-se nas federações estaduais e em ligas municipais, a exemplo da Liga de Cheerleading de Ponta Grossa (LCPG) no Paraná, liga de cheerleading, que auxilia na organização do esporte na normatização do campeonato de *cheerleading* nos Jogos Inter Atléticas (JOIA-PG).

A burocracia também reorganiza o esporte para atender as necessidades da mídia de massa e do mercado (Pilatti, 2002, p. 71). No *cheerleading*, essa espetacularização iniciou-se na década de 1980 com as transmissões de campeonatos pela rede ESPN idealizadas por Jeff Webb, expandindo-se internacionalmente através de produções cinematográficas e séries documentais globais em plataformas de *streaming*, como "*Cheer*" da Netflix, até atingir as transmissões do *Olympic Channel* do COI (Santana, 2023, p. 18,

81). No Brasil, diante da escassez de cobertura da imprensa tradicional, o registro documental e a divulgação jornalística da modalidade foram assumidos por mídias independentes e especializadas, como o extinto *Cheer One Channel* e o *Portal Cheer*, que passaram a catalogar dados estatísticos, divulgar rankings e transmitir competições (Novaes et al., 2024).

A Quantificação, sexta característica do esporte moderno na tipologia sociológica de Allen Guttmann (1978), estabelece a conversão da performance atlética em dados numéricos, métricas de tempo, espaço e pontuação (Durães et al. 2015). Pilatti (2002), explica que a quantificação pode ser simbolizada historicamente pela invenção do cronômetro em 1730, dispositivo que alterou a mensuração do desempenho esportivo ao transformar tempo, distância e contagens em parâmetros exatos de rendimento. Nessa perspectiva, o esporte de alto rendimento promove a transição do jogo lúdico para uma prática não-lúdica e institucionalizada, regida por normas estritas nas quais a eficiência e a quantificação dos feitos atléticos convertem-se em exigências normativas prioritárias. A quantificação traduz-se no controle estrito da duração das apresentações competitivas de *cheerleading*, estabelecida pelas diretrizes da ICU e normatizada no Brasil em até 3 minutos. Dentro desse intervalo de tempo, toda a execução motora composta por saltos (*jumps*), elevações (*stunts*), pirâmides, arremessos (*baskets*) e passagens acrobáticas (*tumbling*) é mapeada quantitativamente sobre contagens musicais rítmicas organizadas em blocos de oito tempos. Ultrapassar a janela de tempo regulamentar resulta em penalidades e deduções numéricas diretas na pontuação final da equipe (Santana, 2023; Kunast, 2024; CBCD, 2026).

Paralelamente, a quantificação atua na normatização das dimensões espaciais como citado anteriormente no texto, e na composição das equipes. A área oficial de competição é delimitada em um tablado de mola (*cheerfloor*) com dimensões oficiais de 12,8 por 15,9 metros (CBCD, 2026). Além disso, a progressão técnica da modalidade é tabulada e quantificada em níveis de dificuldade, que determinam os limites permitidos de rotações, giros e inversões em cada divisão técnica. Assim como também quantifica as categorias

mistas (*COED*), com proporções exatas de atletas do gênero masculino conforme o total de integrantes (CBCD, 2026).

A avaliação do desempenho é calculada por bancas de arbitragem a partir de uma escala matemática de 100 pontos traduzida do código internacional da ICU pela CBCD, dividida de forma fracionada entre blocos técnicos: Seção *Cheer* (10 pontos), *Stunts* (25 pontos), Pirâmides (25 pontos), *Baskets* (10 a 15 pontos), *Tumbling* (10 pontos), Fluxo da Rotina e Transições (5 a 15 pontos) e Apresentação Geral (10 a 15 pontos) (CBCD, 2026). A nota final e as classificações resultam de uma equação matemática da qual se há deduções por falhas de execução ou infrações de segurança (CBCD, 2026). Tudo isso, resultando na inserção do *cheerleading* nos parâmetros de um sistema esportivo moderno quantificado.

Dessa forma, a quantificação do desempenho no *cheerleading* opera de modo parecido a outras modalidades técnico-combinatórias, como a Ginástica Artística, contudo voltada para a sincronia e o desempenho coletivo em um tablado padronizado (*cheerfloor*) de 12,8 por 15,9 metros. Dentro dessa estrutura pontuada, cada bloco de avaliação engloba tanto o grau de dificuldade dos elementos apresentados quanto a precisão técnica de sua execução. Os jurados analisam critérios específicos como a estabilidade e a variedade das elevações (*stunts*), a complexidade das conexões nas pirâmides, a altura e a finalização dos arremessos (*baskets*) e o alinhamento das acrobacias de solo (*tumbling*).

Além disso, o sistema de pontuação é regido por regras estritas de segurança e progressão técnica, agrupadas em níveis de dificuldade. O descumprimento de restrições de nível, como rotações não permitidas para aquela categoria, queda ou desiquilíbrio, gera descontos numéricos fracionados e diretos na súmula final. Nesse contexto quantitativo, o ápice da eficiência e da excelência atlética traduz-se no alcance da "rotina limpa" ou "Hit Zero".

A sétima caraterística dada ao esporte moderno é a busca pelo recorde, de acordo Durães et al. (2015) a busca pelo recorde é uma característica exclusiva dos esportes modernos que expressa a fixação pela quebra de marcas e pela comparação contínua de tempos e números. Como aponta Pilatti (2002) com base em Guttmann (1978), embora os esportes anteriores apresentassem uma tendência à comparação, a efetiva busca por recordes nunca existiu antes da era moderna. Essa busca no esporte, resultou no avanço científico e tecnológico, como a análise biomecânica e o controle de passadas no atletismo ou os maiôs de baixo arrasto na natação, além de ser incentivada por prêmios financeiros

oferecidos por confederações, o que impulsiona o esforço dos atletas e, em determinados casos, o uso de substâncias proibidas.

No *Cheerleading* competitivo, essa lógica da busca pelo recorde não se traduz na medição de quilômetros ou segundos, mas se manifesta na superação de notas nas tabelas de pontuação. Pode-se refletir que a busca pelo recorde na modalidade está presente no objetivo de executar rotinas sem deduções, ou melhor dizendo, um *hit zero,* ação denominada quando um time realiza uma apresentação sem nenhum desconto de notas ou ilegalidades. A conquista do *Hit Zero* representa o ideal da perfeição técnica e da máxima eficiência esportiva dentro de uma rotina de até 3 minutos (Santana, 2023, p. 32). Além disso, a busca por recordes no *cheerleading* expressa-se na disputa pelo título de Grand Champion, premiação concedida à equipe que obtém a maior nota absoluta de todo o campeonato entre todas as divisões e categorias inscritas (Novaes et al., 2024, p. 118).De acordo com Santana (2023, p. 38) e Novaes et al (2024, p.110) a Seleção Brasileira de *Cheerleading* (*Team Brazil*) nos campeonatos da *International Cheer Union* (ICU) buscam sempre por marcas históricas, a superação do recorde nacional deu-se quando a equipe brasileira alcançou o inédito 4º lugar mundial na categoria COED Elite em 2019, bem como pódios e medalhas no Campeonato Pan-Americano da modalidade. A busca pelo recorde está presente neste âmbito, ao refletirmos que a geração atual trabalha duro, para estabelecer novas conquistas ano a pós ano.

Contudo, alinhando-se às advertências de Pilatti (2002) sobre os custos biológicos da busca por recordes no esporte de rendimento, no *cheerleading* essa exigência extrema traz como contrapartida altos níveis de exaustão física, desgaste psicológico e elevado risco de lesões graves na região da cabeça, bem como estiramentos ligamentos e tendões (Boden et al., 2003).

Dessa forma, ao refletirmos as características do esporte moderno segundo Guttmann (1978), pela percepção de Durães et al. (2015) e Pilatti (2002), podemos relacionar o *cheerleading* na lógica do esporte moderno, uma vez que, ao apresentar todas as características da modalidade correlacionando com a teoria de Guttmann, foi possível identificar semelhanças entre a prática do esporte de acordo com os documentos normativos da prática no Brasil e as referências bibliográficas encontradas da área com as setes características do esporte moderno.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de esportivização do *cheerleadig* por meio de pesquisa bibliográfica e da análise de documentos normativos da modalidade no Brasil. A partir do levantamento realizado, foi possível identificar transformações importantes em sua organização, especialmente no desenvolvimento de regras, na definição de categorias e níveis de dificuldade, na padronização das competições e na atuação de instituições responsáveis por sua regulamentação.

A análise dos documentos e da literatura também permitiu relacionar aspectos do *cheerleading* brasileiro às características do esporte moderno discutidas por Guttmann (1978), conforme apresentadas por Pilatti (2002) e Durães *et al.* (2015). Esses elementos indicam que a modalidade passou por um processo significativo de organização esportiva. No entanto, sua estruturação institucional ainda convive com dificuldades relacionadas ao reconhecimento social, às condições financeiras das equipes e a formação de profissionais.

Também foi possível observar que os estereótipos associados ao *cheerleading* continuam influenciando a maneira como a modalidade é percebida. A associação ao modelo *sideline cheer,* a aparência dos praticantes e os padrões de gênero podem dificultar o seu reconhecimento e sua complexidade esportiva. Ao mesmo tempo, a realidade de equipes e atletas demonstra que existe um trabalho contínuo de desenvolvimento da modalidade no país, inclusive em municípios como Ponta Grossa.

No campo da Educação Física, o estudo permitiu identificar possibilidades de aproximação entre o *cheerleading* e os conteúdos trabalhados na escola. Sua abordagem pode ampliar o repertório de práticas corporais dos estudantes e favorecer experiências relacionadas à cooperação, à participação coletiva e ao respeito às diferenças. Para isso, é necessário considerar as características do ambiente escolar e os objetivos pedagógicos, sem reproduzir as exigências próprias do treinamento competitivo.

Por fim, considera-se que o cheerleading apresenta um processo de esportivização em desenvolvimento no Brasil, marcado tanto por avanços institucionais e competitivos quanto por desafios sociais e estruturais. Espera-se que este estudo contribua para ampliar o conhecimento sobre a modalidade no campo da Educação Física e incentive novas pesquisas, especialmente sobre suas possibilidades de inserção na escola e sobre a organização do cheerleading no cenário nacional.

REFERÊNCIAS

BARROS, Aidil Jesus da Silva; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Makron Books, 1990.

BODEN, Barry P. et al. Catastrophic cheerleading injuries. **American Journal of Sports Medicine**, Chicago, v. 31, n. 6, p. 881-888, 2003.

BONI, Valia; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A arte da pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BORGES, Letícia Mendes. **Cheerleading na Universidade Federal de Uberlândia: ascensão e fatores motivacionais dos atletas**. 2019. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado e Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. Lei nº 15.974, de julho de 2026. **Declara de utilidade pública municipal a Associação Cheerleading Presas de Marfim**. Ponta Grossa: Diário Oficial do Município, 2026.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CHEERLEADING E DANÇA (CBCD). **Estatuto Social da Confederação Brasileira de Cheerleading e Dança**. Lagoa Santa: CBCD, 2025.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CHEERLEADING E DANÇA (CBCD). **Regulamento do Campeonato Brasileiro de Cheerleading 2026**. Lagoa Santa: CBCD, 2026.

DURÃES, Gabriel de Oliveira et al. As características do esporte moderno na perspectiva de Allen Guttmann e suas aproximações com o basquetebol. **Motrivivência**, Florianópolis, set. 2015.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Gabriel Aparecido de Melo. **A gente conversa depois do treino: livro-reportagem sobre a história do cheerleading no Brasil e no Paraná**. 2025. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário crítico da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. p. 263-266.

INTERNATIONAL CHEER UNION (ICU). **ICU Junior World & World Cheerleading Championships Rules & Regulations**. Memphis: ICU, 2026.

KOLLER, Silvia Helena; COUTO, Maria Clara P. de Paula; HOHENDORFF, Jean Von. **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

KUNAST, Anna Sara Dalzotto. **5, 6, 7 e 8: série documental jornalística em audiovisual sobre a trajetória e desenvolvimento das equipes de cheerleading de Ponta Grossa**. 2024. 149 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2024.

MOREIRA, Dandara Felippe. **Pompons e minissaias no país do futebol - Cheerleaders: um estereótipo e um ícone**. 2025. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

NASCIMENTO, Arthur Felipe Freire; ATALIBA, Renan Matheus da Silva. **O aprendizado do cheerleading por meio da prática**. 2019. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

NOVAES, Vinícius Kazuo Hayashi et al. Panorama do cheerleading no Brasil. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 29, n. 318, p. 109-125, nov. 2024.

PILATTI, Luiz Alberto. Esporte moderno: do ritual ao recorde. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 4, p. 63-76, 2002.

SANTANA, William Ferraz de. **Cheerleading nos Jogos Olímpicos: novas perspectivas para o cenário esportivo brasileiro**. 2023. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SILVA, Viviane da. CHEER: um documentário memorialístico para pensar as relações de poder e gênero no esporte. **Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 12, p. 67-110, 2023.

USA CHEER. **Cheerleading safety manual and guidelines**. Dallas: USA Cheer, 2026.

WRIGHT, Jaclyn. **The Guide to Cheerleading**. 2011. 119 f. Honors Thesis (Bachelor of Science) – Honors College, University of South Florida, Tampa, 2011.

ZDUNEK, Alexandra. Who Knows the Difference Between Competitive Cheerleading, Sideline Cheerleading, Acrobatics and Tumbling? Why this Distinction is so Important for Title IX. **Marquette Sports Law Review**, Milwaukee, v. 31, n. 1, p. 175-194, 2020.